

INDÍGENAS NORDESTINOS:

sobre desafios e reexistências curriculares/culturais do povo Kariri-Xocó e Pankararu

Opará por meio da educação¹

NORTHEASTERN INDIGENOUS PEOPLE:

on challenges and curricular/cultural re-existences of the Kariri-Xocó and Pankararu Opará

people through education

William de Goes Ribeiro²

Idiane Crudzá³

Laiza Railane Tavares da Silva⁴

Resumo: O objetivo deste texto é apresentar alguns desafios que os povos indígenas nordestinos enfrentam diariamente para sustentar a cultura e a educação em que acreditam. Na luta em territórios mapeados buscam criativamente produzir currículos, que põem em curso uma política cultural. Como todo currículo, em nosso entendimento, há uma negociação híbrida na relação com o Outro. Para compor este texto, a escrita está assinada a três mãos, conectadas a corpos distintos-interligados, os quais não se limitam ao biológico. Com isto, espera expor a forma criativa, inventiva e guerreira como têm sido conduzidas as propostas educacionais nos distintos contextos, envolvendo os povos Kariri-Xocó e Pankararu Opará. O trabalho indica relações e hibridizações na leitura de tais processos, não uma resposta dada e uma verdade estabelecida.

Palavras-chave: cultura; currículo diferenciado; indígenas no Nordeste.

Abstract: The purpose of this text is to present some of the challenges that indigenous peoples in the Northeast face daily to sustain the culture and education they believe in. In their struggle in mapped territories, they creatively seek to produce curricula that implement a cultural policy. As with all curricula, in our understanding, there is a hybrid negotiation in the relationship with the other. To compose this text, the writing is signed by three hands, connected to distinct-interconnected bodies, which are not limited to the biological. With this, the aim is to expose

¹ Além de agradecer à Idiane e à Railane, agradeço à Eluzia Tavares Silva, que também contribuiu com esta escrita, e à Cacica Valdenúzia Tavares Silva e ao Pajé Washington Tenório Silva (Jaguriçá) pela acolhida na comunidade Pankararu Opará, assim como o povo Kariri-Xocó, especialmente, o compadre Wiranã e seus pais.

² Docente do Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (PPCULT/UFF).

³ Indígena mulher Kariri-Xocó, professora da língua Dzubukuá Kariri Kipeá e da cultura Kariri-Xocó no Espaço Swbatkerá. Militante das causas indígenas, é representante no GT das línguas indígenas da região nordeste da Década Internacional das Línguas Indígenas (DILI 2022-2032) instituída pela Assembleia Geral das Nações Unidas proclamado pela UNESCO em 2019. Mãe de 5 filhas/os.

⁴ Indígena mulher do povo Pankararu Opará, coordenadora da Escola Estadual indígena Sebastião Francisco Tenório. É integrante do setor administrativo da Associação Indígena Pankararu Opará e atua junto ao Ministério Público do Trabalho com o projeto AWÜRE.

the creative, inventive and warlike way in which educational proposals have been conducted in different contexts, involving the Kariri-Xocó and Pankararu Opará peoples. The work indicates relationships and hybridizations in the reading of such processes, not a given answer or an established truth.

Keywords: culture; differentiated curriculum; indigenous people in the Northeast.

Considerações iniciais

*Yetã pidé teudiokié buyõ mó Krodyá dzudé nunú nory Tçohó
swbatkié ayby Krody dó sá Tçohó mó wohoyé ery tsohó⁵.
Idiane Crudzá⁶, 2024*

Este trabalho resulta de encontros e conversas no calor das terras indígenas de Alagoas (AL) e Pernambuco (PE), mas também de espaço-tempos virtuais, fogueiras digitais, como costuma dizer Nhenety Kariri-Xocó⁷. Para sermos mais diretos, por meio de aproximações geradas pela vida. Não resulta de estudos acadêmicos planejados e previamente projetados com finalidades específicas. Apenas como acontecimentos, os rumos e pensamentos foram se dando. No primeiro encontro, um de nós estava de férias do trabalho docente, já as que também assinam este texto estavam em pleno curso de ações voltadas às suas finalidades educacionais, envolvidas nas respectivas aldeias indígenas.

Para organização desta escrita, buscamos recuperar as questões geradas por tais encontros. Estes se deram em distintos momentos, inclusive, remotos, pela via virtual. Considerando a proposta deste dossiê, o objetivo da atividade passa por apresentar alguns desafios enfrentados por povos indígenas nordestinos na relação com a sociedade brasileira, bem como expor reexistências e negociações⁸ interculturais que currículos diferenciados

⁵ “Eu estou lutando muito para fortalecer nossa língua porque tenho conhecimento da força que ela tem para todo meu povo”. Epígrafe escrita e sugerida por Idiane Crudzá pelo WhatsApp para compor este texto.

⁶ Sua vida está marcada pelas tradições do seu povo, na Aldeia Kariri-Xocó, onde aprendeu a tecer e construir adornos de palha, penas e sementes. Pratica a medicina natural tradicional e cresceu vendo as mais velhas fazendo louças e utensílios de barro. Celebra e reza pela vida material e espiritual no ritual sagrado do Ouricuri. Aprendeu e ensina o idioma Dzubukuá-Kariri-Kipeá. E na Aldeia onde vive, acompanha e tenta ajudar a luta dos anciões e anciãs, guardiões das tradições de meu povo, aprendendo sempre com eles e sobretudo investindo na perpetuação da sua cultura junto a seu povo.

⁷ Este docente teve oportunidade de tomar de empréstimo tal forma de ver o encontro virtual. O historiador Kariri-Xocó, como é conhecido no seu povo, participou voluntariamente de aulas do IEAR/UFF a convite de Wiranã, liderança Kariri-Xocó.

⁸ A despeito das citações e modo acadêmico, buscamos não violar a forma de fala e de escrita das convidadas. Em uma perspectiva política, decidiu-se por manter, em algumas seções específicas, o português dos povos do Nordeste, respeitando os atravessamentos da língua e a oralidade para sinalizar as violências. Trata-se de um apoio a diversas mãos para as retomadas linguísticas ancestrais.

RIBEIRO, William de Goes; CRUDZÁ Idiane; SILVA, Laiza Railane Tavares da. INDÍGENAS NORDESTINOS: sobre desafios e reexistências curriculares/culturais do povo Kariri-Xocó e Pankararu Opará por meio da educação. **Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô**. Palmeira dos Índios, v. 3, n.2, p. 82-103. 2024.

colocam em movimento (Bhabha, 1998)⁹. Com efeito, sabemos que não é fácil escrever junto e chegar a um acordo a respeito do que é importante para distintos sujeitos. No entanto, esperamos, com este texto, romper algumas barreiras e cumprir a finalidade.

Conforme as regras acadêmicas da revista, e também respeitando experiências outras, organizamos este trabalho que: detalha a forma como nos conhecemos; organiza os desafios que têm enfrentado os povos indígenas nordestinos; expõe a condução de reexistências curriculares geradas por processos educacionais indígenas e diferenciados. Esta proposta finaliza com algumas considerações, evocando uma fogueira digital que busca “reflorestar imaginários” (Ribeiro, 2023)¹⁰. Ou seja, a composição deste texto é ela mesma uma tentativa de tradução impossível, portanto, realização de uma obra “estranha” da escrita. Não espera prender a leitura em determinações, mas fazer o convite à observação de processos e à sensibilização atravessada pela diferença que nos constitui (Burbules, 2003)¹¹.

Sobre como nos conhecemos

Este docente estava em uma de suas férias em Alagoas, pela primeira vez, em janeiro de 2018. Como comumente se espera, tinha em mente aproveitar o momento distante de responsabilidades universitárias, ligadas ao trabalho. Na ocasião, encontra com dois Kariri-Xocó¹² em suas práticas de trocas de artesanatos em frente ao Museu da Gente Sergipana. Trata-se do início de uma amizade que já dura 7 anos, gerando inclusive uma relação de compadres, do professor com a jovem liderança Wiranã/Lucian Santos¹³. Ao mesmo tempo, conhece “o índio Ferrinho”, como é conhecido na região, pai de Wiranã. Nenhum caderninho de anotações estava entre as pessoas, as fotografias nunca foram geradas de maneira ansiosa para fins de estudo e postagens nas redes sociais, não se trata de pesquisa etnográfica, nada foi programado. Ou seja, não é uma relação pesquisador-pesquisado para gerar estudos e publicações, tampouco culto ao exotismo que subjuga pessoas e seus pertencimentos.

⁹ Para Bhabha (1998) a hibridização é uma forma de sobrevivência da cultura que precisa negociar com a outra, estando sempre em relação. Trata-se de um processo ambivalente de negociação de sentidos que envolve rastros de colonização e de enfrentamento.

¹⁰ O citado texto explora a ideia de hibridização e do reflorestamento de imaginários que nada mais é do que uma aposta na ancestralidade.

¹¹ O texto de Burbules (2003) nos convida a pensar a diferença através de uma gramática, ampliando aspectos que vão além da diversidade, incluindo a singularidade e a multiplicidade.

¹² Adotamos a regra antropológica de não colocar o nome do povo no plural.

¹³ Nome indígena (quer dizer: “o amanhecer”, segundo a liderança) / nome que utiliza em documentos nacionais. RIBEIRO, William de Goes; CRUDZÁ Idiane; SILVA, Laiza Railane Tavares da. INDÍGENAS NORDESTINOS: sobre desafios e reexistências curriculares/culturais do povo Kariri-Xocó e Pankararu Opará por meio da educação. **Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô**. Palmeira dos Índios, v. 3, n.2, p. 82-103. 2024.

Com o bate papo inicial, veio a troca de contatos e a promessa da continuidade da relação. Logo a seguir, emerge uma pandemia que acometeu o planeta inteiro, impedindo que uma visita à aldeia, conforme o convite realizado, acontecesse. No entanto, as conversas e a aproximação continuaram, inclusive, durante as aulas deste professor. Wiranã e Ferrinho participaram de encontros remotos dos cursos ministrados pelo docente, sobretudo, nos das disciplinas da graduação em Pedagogia do Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR), unidade da Universidade Federal Fluminense (UFF): “Currículos” e “Relações Étnico-raciais”, expondo suas demandas e práticas. Outros indígenas passaram a fazer parte, a seguir, apresentados pelos Kariri-Xocó. O historiador Nhenety Kariri-Xocó e a cacique Pankararu Opará Valdenúzia Tavares Silva, assim como a liderança Eluzia Tavares Silva, em momento posterior, também participaram, trazendo seus olhares a respeito do povo e da ciência indígena.

Neste conjunto de ações e relações movimentadas foi possível perceber por parte deste docente a importância do Toré¹⁴, dispositivo sagrado que até o momento não tinha tido oportunidade de sentir. Portanto, o ritual contagiante dos povos indígenas nordestinos abre o terreno para o novo. Com eles, a perspectiva se volta à valorização da cultura e territorialidade. Igualmente, vem à tona a observação da luta por sustentar na educação, a cultura ancestral das nações envolvidas.

Com um pouco mais de liberdade, passada a fase mais difícil gerada pelo COVID-19, o convite para a Aldeia se fortaleceu, gerando até o atual momento duas visitas deste pesquisador. A primeira se deu em 2022 e a segunda, neste ano de 2024. Inicialmente, foi possível ao longo de um pouco mais de uma semana, visitar as comunidades Kariri-Xocó, a qual se localiza em Colégio, Alagoas e Pankararu Opará, Pernambuco. Neste ano apenas nos encontramos presencialmente com os Kariri-Xocó, também em torno de uma semana.

O primeiro encontro foi marcado pelas conversas em baixo de uma árvore, pelo almoço, pelas trocas de afeto e pelo acolhimento. Batata cozida, milho, arroz e farinhas, além de frutas e um fresco à sombra, sentados no chão coberto com uma superfície de palha. Estes são os elementos que marcaram a experiência. Uma jovem Kariri-Xocó de 11 anos na época, chamada Kauane, foi uma das mais entusiasmadas na ocasião. Muito curiosa, logo se mostrou interessada em fazer fotografias com este docente. Muito falante, apresentou seu irmão, de 6

¹⁴ O docente pode participar das rodas de Toré em torno das fogueiras, tanto entre os Kariri-Xocó quanto entre os Pankararu Opará, a partir das quais se relacionam as canções tradicionais, a dança, a religiosidade, o sagrado, a ludicidade, a circularidade, a solidariedade, a comunidade e a medicina indígena.

RIBEIRO, William de Goes; CRUDZÁ Idiane; SILVA, Laiza Railane Tavares da. INDÍGENAS NORDESTINOS: sobre desafios e reexistências curriculares/culturais do povo Kariri-Xocó e Pankararu Opará por meio da educação. **Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô**. Palmeira dos Índios, v. 3, n.2, p. 82-103. 2024.

anos, e a sua mãe. Foi a ocasião de conhecer também a mãe de Wiranã, seus irmãos, esposa e filhas, além de outros indígenas amigos.

Assim, a primeira viagem quebra o gelo, ajuda a conhecer mais as famílias e as vidas se encontram. E ainda foi possível sentir a agência dos grafismos, dos artesanatos, da Jurema¹⁵ e dos rituais, do Toré, das refeições. Na aldeia Kariri-Xocó, tomamos banho de rio, fomos ao centro de Colégio, bairro de Alagoas, comemos milho assado e bebemos água de coco.

Foi também a ocasião de conhecer o Pajé da comunidade. O ancião recebeu este convidado em sua casa. Fica na recordação que logo na entrada tinham vários indígenas jovens, a maioria meninos, assistindo uma partida de futebol da liga dos campeões da Europa, sentados no sofá. Em um espaço reservado, o docente que assina este texto, conduzido por Wiranã, tem a oportunidade de conversar com o ancião e ouvir seus conselhos, inclusive sugestões de medicina ancestral daquele povo.

Após algumas noites na casa de Wiranã, fomos de ônibus para Pernambuco. Mais uma vez recebidos por lideranças e conversas descontraídas, sentados em cadeiras e redes convidativas. A despedida se deu com a participação em um lindo Toré, com diversos membros da comunidade, incluindo a Cacique e o Pajé Pankararu Opará. Antes de partir, algumas ações pedagógicas foram construídas. Coincide o momento com o processo de reestruturação curricular da escola organizada pelo povo Pankararu Opará¹⁶. Na ocasião, foram apresentadas as dificuldades que envolviam, sobretudo, a aceitação da escola e seus documentos. Muitas barreiras têm sido criadas pelo poder público e ainda poucas respostas acolhedoras para a proposta que estava já em curso na comunidade¹⁷.

Este docente, pela sua experiência na área curricular, é então convidado a contribuir, participando inclusive de uma reunião pedagógica com os professores da escola. Algo prontamente atendido. Pudemos na ocasião discutir a proposta educacional, apresentada com mais detalhes em seção a seguir, bem como observar que não contavam com a colaboração externa (governantes, sobretudo), a não ser de alguns apoiadores e amigos. No caso, são os

¹⁵ Árvore medicinal sagrada para os povos indígenas nordestinos.

¹⁶ Escola Estadual Sebastião Francisco Tenório. O nome é uma homenagem ao primeiro fundador de Terreiros de Praiá (vestimenta ritualística sagrada), da aldeia Taperá, situada no município de Jatobá, Pernambuco.

¹⁷ Segundo a coordenadora pedagógica Pankararu Opará, Railane, a proposta inicia junto com os Trabalhadores Sem-terra. Mas, na ocasião, não havia qualquer auxílio da prefeitura. Surge a indicação de se ter uma escola. Negado pelos órgãos públicos, a ideia é amadurecida em 2021. No entanto, só iniciam as atividades em 2022, mesmo sem a aprovação, contando com doações. Continuaram enviando sugestões e sendo recusadas pelo poder público. Finalmente em 2023, a proposta pedagógica da Educação Infantil, do Fundamental e da EJA é aprovada. RIBEIRO, William de Goes; CRUDZÁ Idiane; SILVA, Laiza Railane Tavares da. INDÍGENAS NORDESTINOS: sobre desafios e reexistências curriculares/culturais do povo Kariri-Xocó e Pankararu Opará por meio da educação. **Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô**. Palmeira dos Índios, v. 3, n.2, p. 82-103. 2024.

próprios docentes e a coordenação pedagógica que sustentam e lutam pela existência da escola diferenciada na comunidade Pankararu Opará.

No retorno à comunidade Kariri-Xocó, já em de 2024, este professor teve a oportunidade de conhecer pessoalmente o trabalho pedagógico de Idiane Crudzá que praticamente, junto com seu companheiro, lutam pela educação do seu povo na região. “O chamado”, como esta que também escreve lembra, convoca a valorizar e potencializar a língua adormecida do povo Kariri-Xocó, o qual tanto sofreu e sofre com o poder colonialista na sociedade brasileira.

As aulas em terreno aberto, com uma estrutura aos moldes tradicionais, isto é, de acordo com o mencionado povo, são oferecidas tanto para crianças quanto para jovens e adultos. São aulas interativas, conduzidas de forma a incentivar e a valorizar a língua, como um dispositivo sagrado e crucial para a sustentação da nação Kariri-Xocó. O Toré e a Medicina Tradicional sempre presentes, são aliadas e inseparáveis do processo educacional. Desde os mais jovens, ainda crianças, o cachimbo está ali, marcando uma tradição e construindo uma perspectiva na singularidade dos sujeitos.

Esta que assina Idiane Crudzá, já havia participado de aulas remoto também junto com o docente, como dissemos. Nos recordamos que chamava a atenção para as questões ambientais, para a preocupação com a preservação do rio Opará¹⁸ e para o cuidado com a saúde da população, além de apontar problemas dos indígenas na relação com o Estado. No encontro deste ano, tivemos ainda a gravação de um documentário com o protagonismo da Kariri-Xocó, a qual produziu livros como materiais didáticos e ajudou a organizar um espaço educacional doado pela própria família.

Ao saber deste dossiê, nós acordamos em conversar pela via remoto¹⁹. Os assuntos foram retomados, na forma de conversa como metodologia, contendo elementos importantes que julgamos interessar ao público leitor desta revista. Neste sentido, as preocupações estão relacionadas com a educação, com a cultura, com o território e com o futuro dos povos envolvidos. A título de condução metodológica, foi permitido ao pesquisador a organização das referências acadêmicas e citações, em acordo com as autoras.

¹⁸ Nome indígena para o rio São Francisco, detalhes a respeito a seguir neste estudo.

¹⁹ Agradecemos à Janiara Medeiros pelo serviço competente de transcrição, o qual contribui para este texto. RIBEIRO, William de Goes; CRUDZÁ Idiane; SILVA, Laiza Railane Tavares da. INDÍGENAS NORDESTINOS: sobre desafios e reexistências curriculares/culturais do povo Kariri-Xocó e Pankararu Opará por meio da educação. **Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô**. Palmeira dos Índios, v. 3, n.2, p. 82-103. 2024.

A respeito da mistura dos povos indígenas nordestinos²⁰

Os Kariri-Xocó é a mistura de vários povos. O nome que marcou foi Kariri e Xocó, afirma Idiane Cruzá. O Xocó, quando ele foi perseguido e mortos, os que conseguiram se salvar desceram a margem do rio São Francisco. Quando chegou na parte de baixo eles depararam com os Kariri que já era uma mistura de outros povos, mas ainda não tinha sido nomeado. Então, após a união do Xocó com os Kariri foi que veio o nome. Primeiro, eles se registraram como Kariri. Não, antes foi eles se registraram como Kariri aí quando o Xocó veio eles acrescentaram Xocó e ficou Kariri-Xocó. Então, foi tendo mistura com Xocó, Fulni-ô, Pankararu Opará, Xukuru-Kariri e vários outros povos.

Então essa família, ela foi crescendo, hoje nós somos 5000 habitantes²¹. Eu acredito que vai até mais. Eu acho que tem que ter uma pesquisa mais detalhada. E assim, os Kariri-Xocó foram os primeiros habitantes da cidade de Porto Real do Colégio. E eles foram recuados até chegar aqui. Foram obrigados a vim para essa fazenda que antigamente era Fazenda Modelo, conhecido como Sementeira. E eles vieram por ser recuado da cidade.

E foi os Kariri-Xocó quem recebeu a Família Real aqui em Porto Real do Colégio²². Quem estava lá para receber a Família Real foi os Kariri-Xocó e que hoje eu sinto. Fico até indignada, triste e com raiva ao mesmo tempo, de ver o prefeito da cidade colocar uma estátua de um pescador, mas não coloca de um indígena. Porque o indígena Kariri Xocó que recebeu a família real. Uma cidade histórica não tem uma representatividade. Porque nós, indígenas, representa o artesão, o pescador, nós representamos tudo. Então eu acredito que isso seja para o nosso apagamento, sabe? Para não dar visibilidade ao nosso povo. Para não contar a nossa verdadeira história e colocam a imagem de um pescador.

E nossos mais velhos fala que tinha um colégio das freiras dentro da cidade de Porto Real do Colégio que ainda não tinha o nome de Porto Real do Colégio. Então hoje é muita controvérsia. Nossos mais velhos falam isso que deu o nome de Porto Real do Colégio porque tinha o porto onde a Família Real deu Porto e tinha o Colégio das freiras. Então ficou Porto Real do Colégio. Então, mesmo quando os Xocó já estavam lá antes da Família Real chegar aqui, eles tentam apagar. Fala que quem estava lá para receber era uns mestiços, com um arco

²⁰ Como mencionado antes, respeitamos o português indígena nesta seção. A composição escrita é um recorte das falas de Idiane Cruzá.

²¹ Se refere aos que vivem em Colégio, Alagoas.

²² Segundo o historiador Kariri-Xocó, por conversas informais, a Família Real chegou em Colégio quando ainda era uma Aldeia, não era ainda uma cidade: no dia 16 de outubro de 1859.

RIBEIRO, William de Goes; CRUZÁ Idiane; SILVA, Laiza Railane Tavares da. INDÍGENAS NORDESTINOS: sobre desafios e reexistências curriculares/culturais do povo Kariri-Xocó e Pankararu Opará por meio da educação. **Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô**. Palmeira dos Índios, v. 3, n.2, p. 82-103. 2024.

e flecha na mão e um cocar. Mas já era misturado, assim, meio que tentando ainda apagar a história real. Para não dizer, assim, que era os verdadeiros nativos.

Era os indígenas que estava lá, aí fala que era um mestiço que estava lá. Tem uma placa, tem uma marca, até hoje que conta isso. Então, assim, apesar de eles não contarem a nossa verdadeira história, não fortalecer como deveria, nós somos resistência. Porque nós do Nordeste e nós Kariri-Xocó que vivemos à margem do Rio São Francisco foi muito fácil ser alvo dos colonizadores, pela facilidade que eles tinham de vir de balsa de navio pelo rio. Então foram nosso povo, foram os primeiros, um dos primeiros a ser atacado. Então a primeira coisa que eles atacaram foi a nossa língua. Porque a nossa língua, ela não é simplesmente um idioma diferente. A nossa língua nos dá força, a nossa língua é um espírito vivo, então eu acredito que eles tenham percebido o qual forte era a nossa língua. Não é só para, não foi só para eles entender o que nós falávamos. Ele sentia a força, da nossa língua.

Então, por estratégia dos nossos antepassados eles mantiveram a nossa língua em segredo por mais de 200 anos. Porque se não mantivesse ela em segredo, ela teria sido morta de verdade. É esse trabalho que hoje eu estou fazendo de retomada e fortalecimento da nossa língua, por mesmo que nós não tenhamos perdido a nossa língua, assim, por completo, mas ela sofreu muita perda da fala diária. Porque se ela é só falada no ritual sagrado, e aqui recebi esse chamado, de fortalecer a nossa língua, mas é um trabalho que já vem sendo feito há mais de 30 anos pelo nosso historiador Nhenety Kariri-Xocó.

Ele vem juntando documentos, registro da nossa língua e assim o que para nós é onde tá toda a chave de tudo de nós, não perder a nossa cultura no ritual. Então, se hoje ainda temos canto, temos dança, temos o conhecimento da Medicina Sagrada, vem tudo através do ritual porque, no ritual foi onde nós tivemos como manter antigamente para fugir dos perseguidores nossos. Mais velhos falava que ia caçar, então nisso que eles saíam falava que ia para caçar, eles faziam o Ritual em oculto. Então, o Toré que ele não podia cantar na frente dos perseguidores, a fogueira que eles não podiam acender, então eles faziam isso em segredo e por isso ficou mantido o nosso, a nossa tradição.

Porque hoje mesmo no tempo de hoje com tanta modernidade, com tanta civilização, ainda a nossa cultura é muito viva, é muito forte e agora com a retomada da língua, a força se multiplicou. Então o que levou o nosso povo a abandonar a cidade de Porto Real do Colégio, primeiro que foram o desmatamento. Primeiro desmatamento, as construções de casa de alvenaria, e segundo a falta do barro, os posseiros. Eles começaram cercar as lagoas onde as

nossas anciãs pegavam o barro porque era as mulheres que sustentava a família. Não era os homens. Os homens sempre trabalharam na plantação de arroz, na plantação da roça. Mas só que a roça nós sabemos que leva de três a quatro meses para começar a colher e a gente não consegue ficar de três a quatro meses sem comer. Então enquanto os frutos não cresciam, a nossa feira, ela fazia a arte da cerâmica, como faz até hoje: o pote, a panela, cuscuzeira, tudo de barro, e saía trocando com os não indígenas por alimento e às vezes até vendia. Mas a maioria das vezes era troca. Então elas trocavam pela farinha, pelo feijão, pelo frango, enfim, pelo que tinham de alimento.

E quando os posseiros se apossaram do nosso barro, então as mulheres eram obrigadas a roubar na sua própria terra. Imagine você: roubar a sua própria terra, você roubar o que é seu. Então elas se arriscavam muito indo de madrugada para tirar o barro para poder trabalhar. E ali elas eram perseguidas, era açoitada, então foi quando foi descoberto essa fazenda que é bem do lado da cidade e elas saíram à procura do barro e encontraram.

Então as mulheres que tomaram a decisão de retomar essa fazenda que também fazia parte das nossas terras, fazia não, faz. Porque é na demarcação de Dom Pedro II que ele demarcou. As nossas terras era 4.600 hectares de terra. Então o que foi passado para nós, só foram os 600. Os 4000 hectares até hoje não tá nas nossas mãos. Então Imaginem de 4, não ter direito nem a 1000, ficar só com 600. Então, não foi com ambição de terra, de gado, de nada, que fez com que as nossas ancestrais tomassem a atitude de retomar essa fazenda. Foi apenas o barro, porque é através do barro que elas tiravam o sustento da família. Então nessa decisão foi retomado e hoje já faz 44 anos. É recente, 44 anos é recente, que nós retomamos essa Fazenda Modelo. E hoje é a aldeia Kariri- Xocó.

Uma escola do povo Pankararu Opará²³

Sou Eluzia, sou uma das eu posso dizer assim, fundadora da criação dessa escola, onde haveria uma necessidade muito grande por parte da educação dentro do nosso território, apesar de estar numa área de retomada. Mas isso era uma forma de fortalecer a nossa educação e o nosso povo. Trazer, passar a nossa cultura, ser realmente vivenciada e ser colocada dentro da escola. Para que fosse dado continuidade, que as nossas crianças, elas não perdessem realmente

²³ Como mencionado antes, respeitamos o português indígena nesta seção. A composição escrita é um recorte das falas de Laiza Railane e Eluzia Tavares.

RIBEIRO, William de Goes; CRUDZÁ Idiane; SILVA, Laiza Railane Tavares da. INDÍGENAS NORDESTINOS: sobre desafios e reexistências curriculares/culturais do povo Kariri-Xocó e Pankararu Opará por meio da educação. **Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô**. Palmeira dos Índios, v. 3, n.2, p. 82-103. 2024.

esse resgate, porque muitas falas foram perdidas, muitas histórias, elas são ocultadas. Que as crianças, elas não têm o conhecimento. Então, nós fazemos um trabalho. Que esse trabalho é baseado em cima do histórico indígena, com os nossos ancestrais, com os nossos anciões. Buscando deles informações, aquelas informações que a gente sabe por alto, mas que a gente não tem certeza. Então, uma forma, querendo ou não, é uma forma de trazer de volta a essência da história do povo, como é Pankararu Opará.

E foi dessa forma que a gente, no caso, eu vejo a educação dessa forma, como um trabalho de resgate cultural mesmo. E aí, eu passo para a Railane, ela vai fazer as complementações. Falar também um pouco da história da educação, como é hoje. No atual, como é que está se dando o processo. Porque, com certeza, dentro da educação, ela foi um pilar. Porque ela foi quem iniciou junto comigo, com a tia, com o tio, com a outra colega também, que não está presente. Que fizeram parte dessa história. Então, como eu não tinha tanto conhecimento, na parte da escrita, na parte mesmo da tecnologia, não sabia ainda desenvolver nada. Todo o trabalho foi construído, passava as informações que eu recebia e aí ela ia construindo os textos, construindo o que realmente era necessário para a gente fazer a fundação, a criação, realmente, dessa escola. Então, eu passo para ela a palavra.

Veja só, diz Railane, que também assina este texto, essa questão da educação escolar indígena, ela é bem complexa, na verdade, porque eu passei a minha vida todinha estudando em escolas não indígenas. E aí, as escolas não indígenas nunca ensinam de verdade o que o indígena precisa saber. Eles não ensinam a vivência da cultura, eles não ensinam, não tem esse olhar voltado para os povos indígenas. A gente sabe que a gente tem a lei que fala que é obrigatório que as escolas trabalhem a questão indígenas e afro-indígenas, e afro, na verdade. Só que aí a gente só via isso, dia 19 de abril e dia 22 de novembro. Dia 20 de novembro, perdão. A gente só via a questão dos negros e dos indígenas nas escolas comuns e tradicionais nesse período. Passou desse período, a gente já não via mais nada.

E assim, é importante frisar que a escola, sendo indígena, sendo uma escola intercultural e diferenciada, ela traz para a gente o resgate, traz o resgate da cultura do povo, porque nas outras escolas comuns e tradicionais isso não é ensinado. E a diferenciação de uma escola indígena e uma escola não indígena é justamente isso: que não se perca a cultura. A gente fica sempre, diariamente, a gente trabalha os conteúdos do Estado, do currículo estadual, a gente consegue trazer, voltar esse currículo para a nossa realidade, para a gente conseguir trabalhar, tanto para o indígena viver dentro da área, quanto sair para fora da área. É tipo assim, o que eu

aprendo hoje aqui dentro de uma escola indígena, vai me servir não só para dentro da aldeia, do meu povo, mas também vai me servir para fora.

E geralmente, quando eu vivia, eu vivia muito fora e vi o seguinte, que o que eu aprendia fora da área indígena, quando eu voltava, não tinha mais aquela sensação de pertencimento, então praticamente minha cultura morria ali. E a intenção de trazer a escola para dentro da área indígena, para que possa trabalhar os conteúdos voltados realmente para a cultura do povo, para a ancestralidade, é para que os jovens não percam isso, não percam nem a parte da cultura deles, a questão de pertencimento, não percam o pertencimento. Porque na verdade, quando a gente estuda em uma escola fora, a gente perde meio... não, a gente perde grande parte da nossa ancestralidade, da nossa identidade, do nosso pertencimento, porque a gente só vê a questão do branco. A gente só vê a questão do branco.

Então assim, hoje tem uma coisa que a minha irmã, professora de história²⁴, ela foi discriminada porque dentro da questão histórica tem muito aquilo de dizer “quem descobriu o Brasil”. Tem muito isso, de descoberta do Brasil, sendo que o Brasil não foi descoberto. Foi invadido e saqueado. Mas enfim, como ela estava fora, fazendo o estágio fora da área indígena, ela foi proibida, ela tinha que ensinar o que estava no livro de história. E aí ela foi proibida de fazer o estágio, de finalizar o estágio, porque ela não queria passar o conteúdo que estava no livro. Isso aconteceu com ela.

A gente não quer que isso volte a acontecer, não só com ela, mas com nenhum indígena. A gente quer realmente que o nosso povo aprenda de maneira correta, tanto viver dentro da área quanto fora da área indígena. Entendeu? Então, isso é mais importante pra gente, porque aqui a gente consegue trabalhar o currículo de uma forma diferenciada. A gente consegue trabalhar tanto as questões do currículo de Pernambuco, ou seja, lá, de onde for, a gente consegue abranger tudo, só que dentro da nossa realidade. Sendo que numa escola comum, numa escola regular, a gente não consegue fazer isso. A gente tem que trabalhar à risca e ao pé da letra. O que tiver no currículo, a gente vai ter que ensinar. E a diferença de uma escola indígena pra escola não indígena é realmente isso. É a questão de você conseguir trabalhar todos os conteúdos do currículo que está lá, todas as habilidades, sem perder a cultura e sem perder o pertencimento e sua identidade.

²⁴ Segundo a conversa por telefone, sua irmã está concluindo a formação em História. Vivenciou o ocorrido em um Estágio com o 6º ano, em uma escola não indígena. Está finalizando o seu Trabalho de Conclusão de Curso este ano de 2024. A formação faz parte de um programa da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Curso de Licenciatura Intercultural (CLIND), que recebe estudantes indígenas para torná-los professores indígenas. RIBEIRO, William de Goes; CRUDZÁ Idiane; SILVA, Laiza Railane Tavares da. INDÍGENAS NORDESTINOS: sobre desafios e reexistências curriculares/culturais do povo Kariri-Xocó e Pankararu Opará por meio da educação. **Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô**. Palmeira dos Índios, v. 3, n.2, p. 82-103. 2024.

Desafios nos processos educacionais indígenas

Esta seção busca recuperar, a partir das conversas já mencionadas, alguns dos pontos principais envolvidos na questão curricular e educacional ligada aos povos Kariri-Xocó e Pankararu Opará. Segundo algumas das lideranças envolvidas, duas delas assinam este texto, os desafios, os empecilhos e as dificuldades são muitas, incluindo casos de discriminação e preconceitos²⁵. Mas, também não falta vontade por parte dos povos de fazer acontecer um processo de fortalecimento dos elos que os unem.

Idiane Crudzá, no encontro remoto lembra, de seus tempos de cabeleireira e do chamado que recebeu para fortalecer a cultura e a língua de seu povo. A interpelação se deu através do sonho. É “sonho como exercício da diferença”, conforme observa Rodrigues (2020). A escola é então vista nesse processo de maneira ambivalente: tanto pode contribuir quanto pode prejudicar a cultura e a educação. Assim, nas palavras da indígena pedagoga²⁶:

Por hoje as escolas ela tem muito a contribuir com o nosso fortalecimento ou apagamento, porque se a gente começa a celebrar o dia dos povos indígenas, só no mês de abril, ou só numa comemoração de uma data, fica uma coisa folclórica, uma coisa, uma lenda, como tem muitas coisas que as pessoas... para muitas pessoas é lenda, para nós é real (Idiane Crudzá, das conversas remotas com este docente, realizadas em 2024).

Neste sentido, nos interpela a perceber outra forma/paisagem (Appadurai, 2004) inventiva (Wagner, 2010) de lidar com os saberes tradicionais, rejeitando a folclorização imposta pelo que Azevedo-Lopes (2020) chama de “gnosicídeo”²⁷. Uma herança colonialista que insiste em abstrair os sujeitos das realidades em que vivem, fixando-os em estereótipos e fantasias, possivelmente um dos efeitos de inúmeros anos de apagamento historiográfico na educação escolar do país (Bittencourt, 2013).

Como vimos antes, o povo Kariri-Xocó é desde a origem misturado, a adesão do nome indica hibridização, fruto da aliança e de escolhas. Há centenas de anos, os Kariri – que já era um nome para a mistura local - viviam em uma Aldeia em Colégio. Já os Xocó se viram obrigado a migrar das suas terras para evitar o extermínio no conflito com os posseiros. Foram

²⁵ Das mais explícitas as veladas, como veremos a seguir.

²⁶ Do mesmo modo como o historiador Kariri-Xocó, ainda que não haja a titulação acadêmica, estamos respeitando o notório saber envolvido.

²⁷ Um processo de tentativa de eliminação de qualquer outra possibilidade de produção de conhecimento. RIBEIRO, William de Goes; CRUDZÁ Idiane; SILVA, Laiza Railane Tavares da. INDÍGENAS NORDESTINOS: sobre desafios e reexistências curriculares/culturais do povo Kariri-Xocó e Pankararu Opará por meio da educação. **Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô**. Palmeira dos Índios, v. 3, n.2, p. 82-103. 2024.

recebidos em Colégio, à beira do rio, com solidariedade e com eles passaram a realizar uniões interétnicas. Kariri-Xocó também se aproxima do povo Fulni-ô, formando a expressão Fulkaxó. Para aprofundar mais o assunto, Fernandes (2013) apresenta em texto e imagens uma versão da cultura Fulkaxó, inspirado pelo estudioso e Kariri-Xocó Nhenety e pelos encontros com diversos indígenas da região do Nordeste.

No caso, como podemos perceber no excerto logo abaixo, os espaços-tempos que tinham de fortalecimento já não são os mesmos. A educação é cada vez mais disputada por um contingente populacional crescente, o que demanda atenção aos mais jovens em virtude da preservação da cultura indígena enquanto identificação necessária para o povo.

porque antigamente as nossas casas era em círculo e sempre tinha um ancião para nos chamar em volta de uma fogueira e passar os seus ensinamentos. Mas hoje a população aumentou muito e nós raramente tem essa roda de conversa. Nós só tem mais uma orientação no ritual mas, aqui fora não tem mais sem ser no ritual, não tem mais aquela roda de conversa onde o ancião contava a história, onde o ancião falava ‘- ó essa medicina serve para tal coisa.’ E se a gente não fortalecer isso, vai esquecendo e até morrer porque nós somos chamados de indígena, de povos originários, de nativo, pelo conhecimento que nós tem com a natureza, com o respeito à mãe terra, o conhecimento das ervas medicinais. E se a gente perder esse contato com a nossa mãe terra, com a nossa mãe natureza, nós vamos se tornar uma pessoa comum. Porque nós somos diferenciados pelo nosso conhecimento (Idiane Crudzá, das conversas remotas, realizadas em 2024).

Conforme assinala Cunha (2017), uma coisa é a cultura “com” aspas outra é a cultura sem aspas. Isto é, não se pode confundir a enunciação acadêmica a respeito da cultura com as práticas vividas pelos povos. No caso, imaginamos que tais mudanças assinaladas acima são preocupações gerais para diversos povos indígenas, haja vista as relações interculturais intensificadas e o crescimento de dispositivos e tecnologias, os mais diversos. O uso de tais modos podem ser objeto de debates, já que a infância e a juventude envolvem preocupações com a continuidade e a ancestralidade.

É assim que esta Kariri-Xocó fala, em um certo sentido de morte, não a morte física e corporal de modo restrito e ocidental. O que identifica é uma morte do espírito indígena, uma vez que o que são enquanto povo depende do conhecimento ancestral.

Então daí surgiu a minha preocupação. Eu falei, não, eu preciso fazer alguma coisa e com apoio do meu companheiro, dos meus filhos, do jovem que também sente falta desse conhecimento, desse fortalecimento. Tem jovem que você mostra uma árvore e eles não sabem o nome daquela árvore. Sim, tem muitas plantas que nossos mais velhos não falavam o nome, ele só diz assim ó: ‘-essa planta serve para tal coisa’. Mas tem muitas plantas que eles nos ensinaram os nome daquelas plantas e hoje tá se perdendo. Muitos jovem não sabem o nome das planta. Tem, é, a Jurema mesmo é

uma planta sagrada para nós. Tem jovens que nem conhece o pé de Jurema, imagine (Idiane Cruzá, das conversas remotas, realizadas em 2024).

Com efeito, todo esse movimento em busca de mudanças e de ações empenhadas não recebe apoio do poder público, nem do Estado e nem do município. Tudo depende de iniciativas dos próprios indígenas e de alguns voluntários que contribuem com rifas²⁸, pequenos recursos financeiros e favores. Tais povos, portanto, não são valorizados, nem o que fazem, como uma riqueza cultural no Brasil. São em parte silenciados e invisibilizados, mas em outros momentos construídos como paisagens étnicas (Appadurai, 2004), lembrados apenas em “datas comemorativas”. O que nos leva a perguntar: datas comemorativas do quê? Para quem?

A escola hoje já é uma oca de alvenaria mais estruturada. E em breve nós vamos já tá inaugurando. E assim, agora, apoio nem do Estado, nem do município. O município é sabedor do meu trabalho, o Estado também. Mas aí não tenho esse apoio. Não me deixei abater não. Sabe, eu continuo com apoio de pessoas amigas assim como você, como outros que tenta contribuir com o que pode, divulgando, tentando buscar parceria. Então eu vou lutando com as armas que eu tenho na mão, que é a minha força de vontade, o meu amor. E a saber, principalmente, a importância que é de fortalecer a nossa cultura, porque imagine daqui a 50, a 100 anos, ou até menos do que isso (Idiane Cruzá, das conversas remotas, realizadas em 2024).

E a folclorização aparece mais uma vez, conforme Ivenicki (2020), umas das formas de manifestação do multiculturalismo enquanto resposta a demandas ligadas à diversidade cultural. Porém, há a necessidade do conhecimento e da cultura que emergem no povo Pankararu Opará enquanto preservação e sobrevivência. Quando se busca um outro modo, o enfrentamento da norma se faz atuante na relação (Bhabha, 1998), incluindo a respeito do currículo enquanto uma política cultural, conforme Lopes e Macedo (2011).

Porque aqui, no caso daqui de Pernambuco, é o seguinte, o Estado, ele não tem aquele olhar para as escolas indígenas como tem para as escolas não indígenas. Tudo chega defasado nas escolas indígenas. Então, assim, a questão de livro didático não chega. Chega para algumas escolas, outras não... então, tudo nessa escola, quando a gente iniciou, logo lá no início, aí não sei se a gente comentou com o senhor, mas tudo foi doação. Inclusive, o prédio, o prédio era minha casa, eu doei para ser a escola. E aí, a gente, os professores que já estavam recebendo, a gente até hoje faz isso, de tirar parte do salário para deixar no caixa da escola. Porque aí há uma necessidade de tanto material didático, quanto material de limpeza, quanto merenda, porque o Estado não cumpre o que realmente é para fazer na questão da merenda, na questão da limpeza, ele não cumpre 100%. Chega só o que a gente chama de grosso, chega só o grosso. No caso da merenda, não chega uma verdura, não chega uma fruta, só chega um feijão, um arroz, uma massa de fazer cuscuz. É o que chega. E aí, o complemento, a gente tira desse caixa, o dinheiro que os professores dão ali todo mês, para poder estar suprindo essa necessidade, para não deixar também as crianças ficarem sem ter o que comer (Railane, das conversas remotas, realizadas em 2024).

²⁸ As mais variadas, incluindo artesanatos e criações indígenas.

RIBEIRO, William de Goes; CRUZÁ Idiane; SILVA, Laiza Railane Tavares da. INDÍGENAS NORDESTINOS: sobre desafios e reexistências curriculares/culturais do povo Kariri-Xocó e Pankararu Opará por meio da educação. **Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô**. Palmeira dos Índios, v. 3, n.2, p. 82-103. 2024.

Deste modo, o texto de Tomáz e Marques (2010) enfatiza a luta do povo Pankararu Opará de Jatobá de Pernambuco para sobreviver e resistir. A relação com o rio é trazida para o nome, que reúne diversas etnias as quais se encontram e vivem juntas um processo de retomada e resistência frente à violência da sociedade brasileira. A violência contra o povo indígena se manifesta de muitas formas, inclusive, via Estado, empresários, posseiros.... Alguns viviam já há gerações na região do rio. Povos que se reconhecem indígenas e buscam na retomada, a luta de ancestrais.

Antes dos barramentos de Itaparica o Rio Opará era nosso maior sustento, o sustento de Pankararu, era dele que vivíamos, era dele que alimentávamos nosso espírito, era dele que alimentávamos nosso corpo, nossa sabedoria, era dele que nossos Encantados de Luz se supriam, morava e nos dava força, era onde praticávamos nossos rituais mais sagrados. Quando veio a barragem sumiram as cachoeiras, sumiram nossas grutas, nossos cemitérios, nossos adornos, nosso jeito de ser. Quiseram destruir nossas memórias, a memória de nossos ancestrais. Depois de anos, tivemos a oportunidade dada pelos nossos Encantos de voltar para beira do Opará e restituir a força Pankararu na beira do Opará, lugar de onde nunca deveríamos ter saído. Por isso nosso Povo hoje nessa luta se denomina Pankararu Opará (Pajé Jaguriça. Ver: Tomáz; Marques, 2022, p. 3).

Neste sentido, o território é muito importante, assim como o rio e a natureza. É a sobrevivência tanto pelo que alimenta o corpo quanto o espírito. A gruta e a cachoeira são onde habitam os encantados, onde alimenta o espírito e dão força aos sujeitos. Os rituais, a medicina e a alimentação dependem do território. No livro citado, o povo Pankararu Opará se manifesta a partir das falas de alguns pertencentes que se subjetivam no processo de construção da cartografia social. Opará é o nome dado ao Rio pelos Ancestrais, “Rio que ampara”. Pankararu quer dizer “pessoas”. A junção representa “o povo do Rio que ampara”.

Como vimos em Tomaz e Marques (2010), o povo Pankararu Opará marca sua posição na luta que busca sobrevivência, a despeito das ameaças, inclusive, de morte em vários sentidos. Se orgulham da luta, de serem herdeiros que tocam em frente, em defesa do futuro. Sabem que a construção de barragens prejudica o povo indígena, incluindo outras etnias que viam na cachoeira e na gruta, locais sagrados. É lá que estão os encantados, por isso é parte da luta. A poluição do rio e a destruição da natureza retiram do povo sua forma de viver e impactam na subjetivação. Sendo assim, a escola e a educação são componentes desta luta que depende de toda a população, resistindo e reexistindo cultural e curricularmente.

Reexistência cultural/curricular indígena

Esta seção do texto destaca o que mobilizam, o que estão pondo em curso os respectivos povos através de iniciativas próprias, organizadas em nome e em defesa de saberes indígenas e da cultura. O processo é marcado pela luta por uma escola, inicialmente com uma cozinha improvisada em espaço aberto e a própria cozinheira é uma liderança do povo Pankararu Opará, Eluzia. Portanto, uma retomada, a qual visa fortalecer a língua, assim como o ancestral, marcados pelos rituais e encontros movidos por canções e danças no Toré.

É esse trabalho que hoje eu estou fazendo de retomada e fortalecimento da nossa língua. Mesmo que nós não tenha perdido a nossa língua, assim, por completo, ela sofreu muita perda da fala diária. Porque se ela é só falada no ritual sagrado, e aqui recebi esse chamado, de fortalecer a nossa língua, mas é um trabalho que já vem sendo feito há mais de 30 anos pelo nosso Historiador Nhenety. Ele vem juntando documentos, registro da nossa língua e assim o que para nós é onde está toda a chave de tudo de nós, não perder a nossa cultura no ritual (Idiane Cruzá, das conversas remotas, realizadas em 2024).

Neste contexto, o processo educacional é movido por vários elementos interligados em que se busca “o adiamento do fim do mundo” (Krenak, 2019). Porém, sem apoio, o voluntariado ocupa a ausência/presença negligente do poder público. Tudo é movido pelo desejo de se fortalecer, pela percepção dos indígenas em defesa de um “futuro ancestral”, como diria Krenak (2022). Ou seja, de que a sobrevivência humana-não humana²⁹ depende de uma reconfiguração em favorecimento do que sustenta a vida.

Krenak (2019) nos interpela pelas provocações que faz à ideia de “humanidade” como um “clube excludente”. Para que fazer parte de um clube que limita a criação e a experiência diversa de vida? Ele aponta para aqueles que ainda dançam, cantam e fazem de suas vidas um adiamento do fim. Estamos sempre caindo, caindo e caindo, na perspectiva de Ailton Krenak. Mas podemos cair com guarda-chuvas coloridos, também salienta.

A explanação de Krenak (2019) nessa obra está na relação entre natureza e humanidade. Não há nada que não seja natureza. Mas há os que se dizem humanos e buscam condicionar a todos em uma perspectiva antagônica a dos indígenas que é a mercantilização da vida. Segundo o Krenak, o rio é uma pessoa; uma pedra uma amiga; uma árvore um pai, não são recursos. A liderança indígena então ressalta que na matriz do antropoceno está a

²⁹ Está interligado.

RIBEIRO, William de Goes; CRUZÁ Idiane; SILVA, Laiza Railane Tavares da. INDÍGENAS NORDESTINOS: sobre desafios e reexistências curriculares/culturais do povo Kariri-Xocó e Pankararu Opará por meio da educação. **Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô**. Palmeira dos Índios, v. 3, n.2, p. 82-103. 2024.

despersonalização da natureza e tudo aquilo que constituiu a vida. Se há uma interferência tão grande da humanidade a ponto de se constituir uma era, algo de muito grave e sério que está em curso.

Neste sentido, há uma humanidade que exclui humanidades, buscando integrá-las como parte da realidade distinta da dela. Enquanto tudo é tornado mercadoria, são atacados aqueles que ainda dançam e cantam de um modo estranho aos anseios predatórios e coloniais. O problema desta relação colonial e o desrespeito à especificidade de quem vive da terra e na terra, permanece. Se no século XVI muitos morreram nas relações estabelecidas, o que é o fim do mundo para eles, hoje a realidade desses povos não é diferente. Krenak (2019) quer dizer "cabeça da terra", justamente como uma lembrança de que estas humanidades não podem e não querem viver de outro modo que não seja em relação com a Terra mãe. O pensador indígena lembra a associação da Terra como provedora da vida, não apenas como maternidade e de que tudo associado à paternidade guarda relação com a dominação, exploração.

Pensamos que a proposta do Krenak (2019) é de provocar novas danças, nos incluir na compreensão de que a Terra não é recurso. Não faz sentido falar em sustentabilidade. “Sustentar o quê?”, questiona. As ameaças não são apenas para os povos indígenas, pelo menos não são mais. Assim, precisaremos em algum momento mudar o estilo de vida e a maneira com a qual nos acostumamos a consumir o mundo e a vida, passando a respeitar antepassados e atentando-nos ao sentido falso de unidade para a humanidade.

Na Aldeia Pankararu Opará, crianças brincam em torno da escola. Elas existem. Apesar do poder público não cumprir uma relação de apoio, a vontade popular indígena gera o movimento, através da identificação coletiva. As práticas reúnem elementos e fortalecem a diferença na escola, dando movimento à ambivalência da cultura enquanto enunciação, negociada na relação com o outro, ou seja, na hibridização que reitera tradições e performatiza ao mesmo tempo, nos interstícios interculturais (Bhabha, 1998).

E comecei a ensinar. Eu comecei com três alunos. Hoje eu estou com 110 e acredito que esse número vai aumentar ainda mais. Aí comecei a trabalhar de forma voluntária e meus alunos foi aumentando. E através da língua eu comecei a fortalecer a cultura em geral, porque a língua, eu costumo falar que a língua é o coração da cultura. Não se fala da língua sem voltar ao nosso passado, sem voltar a nossas raízes, sem falar da nossa medicina, do nosso artesanato, do nosso canto, da nossa dança. A língua, ela é completa, e eu vi comecei a observar que nas escolas estaduais tava meio aleatório (Idiane Cruzá, das conversas remotas, realizadas em 2024).

Idiane ministra no Espaço Swbatkerá as suas aulas em um ambiente aberto e florestado ao fundo, assim como o espaço interno, cheio de símbolos Kariri-Xocó, incluindo o corpo da indígena Kariri-Xocó: os grafismos, a serpente, o cocar, o cachimbo, a pulseira de miçanga costuma estar sempre em seu braço.

Em relação à participação negligente do poder público em contraposição à força coletiva do povo, não foi diferente na escola diferenciada do Povo Pankararu Opará. Chama a atenção, no entanto, uma questão específica: a negociação curricular que é muito mais enfatizada dada à preocupação de resposta ao Estado. No caso, as normas se confrontam com a diferença, tornando-se obstáculos para o currículo diferenciado.

Então, professor, esse currículo foi complicado, não vou dizer que foi fácil, porque a gente não tinha experiência nenhuma, na época, na questão de construção de currículo. E aí, chegou a exigência da Secretaria da Educação, que a gente tinha que fazer esse currículo, porque tinha que fazer. Só que aí, a gente não teve nenhum tipo de formação. Porque para a gente construir qualquer documento, qualquer coisa, a gente precisa, pelo menos, de formação. E a gente não teve formação de como a gente iria fazer esse currículo. Só que, graças a Deus, deu tudo certo, a gente conseguiu construir. Mas, assim, a questão do currículo, eles, a Secretaria da Educação, alegou o seguinte, que a gente, por ser uma educação intercultural e diferenciada, a gente precisava também ter um currículo diferenciado do currículo 'normal' do Estado. Só que aí, a gente teria que pegar o currículo base do Estado, para criar o nosso (Railane, das conversas remotas, realizadas em 2024).

Olha só Professor, nessa questão do currículo trabalhando o currículo a gente conseguiu ver que tem algumas coisas que não são trabalhadas nas outras escolas. Veja só, a gente tem, ao invés de habilidades, a gente não trabalha aqui com habilidades na verdade. A gente trabalha com eixos temáticos. E aí o nosso, os eixos são: Terra, interculturalidade, organização, identidade e bilinguismo. A questão da língua é muito forte aqui porque a gente tenta, a gente está tentando, um processo que a gente quer que o nosso aluno volte a falar a língua do nosso antepassado nossos, ancestrais. Então assim, a gente não abre mão nunca desses eixos porque interculturalidade a gente precisa também conhecer da cultura do outro, entendeu? (Railane, das conversas remotas, realizadas em 2024).

Neste sentido, os elementos reforçam o desejo de fazer acontecer, movimentado pelo coletivo que se articula em defesa da escola.

A gente iniciou só com a cara, com a coragem. Porque assim, formação a gente tinha, mas não tinha a formação acadêmica, mais da vivência. A gente não sabia como seria dentro de uma escola e aí a gente foi buscar se adaptar dentro das outras escolas ... aqui todo mundo é parente e um vai dando toque no outro: 'ó Fulano, aqui funciona assim'. Então assim, quando a gente começou aqui, a gente começou absolutamente sem nada, a gente não tinha caderno, só tinha mal prédio e aí a questão do lanche dos alunos era doação tanto de mãe que vinha da casa dela, a gente fazia um quilinho de arroz... assim, a gente começou muito do nada, do zero, do zero, do zero, porque além

da questão da estrutura que a gente não tinha, a gente não tinha uma aprovação da secretaria de educação (Railane, das conversas remotas, realizadas em 2024).

A gente não tinha aprovação da secretaria de educação, e aí por a gente não ter essa aprovação, nem ter toda a documentação completa, eles não davam assistência e nada. Hoje eles dão assistência defasada, mas antes não tinha nenhum tipo de assistência, nenhum, nenhum, nenhum. E aí a gente começou pedindo doação. Doação de quadro, doação de carteiras, doação de mesa, e a gente começou a fazer. Era só uma salinha, só uma sala de aula, e a gente montou a sala de aula. E sair dali era pra comer. A gente no começo não tinha refeitório (Railane, das conversas remotas, realizadas em 2024).

Assim como o currículo, as práticas pedagógicas são hibridizadas com a formação não indígena, ressignificadas no contexto das aulas na Aldeia, processos estes já estudados em outros contextos indígenas por este pesquisador (Ribeiro, 2020, 2021). Neste sentido, o seguinte trecho reforça que a escola indígena é negociada. No entanto, o conhecimento indígena, como vimos antes, é o que constitui a identificação, incluindo a língua, a Terra, a Medicina, os Rituais Sagrados e outros elementos articulados.

A área da escola se renova após a reformulação estrutural realizada pelos próprios incentivados da escola que tiveram que providenciar saídas para que o processo educacional diferenciado acontecesse de maneira mais confortável. Pensar em cultura e nos atravessamentos com a escola, passa por tais práticas, em ambos os povos, algo vivo que pulsa com e sem aspas, como diria Cunha (2017), ou como fluxos culturais, segundo Appadurai (2004). Trata-se de um dispositivo/significante que é produtor de sentidos e definidor de fronteiras e de sedimentação na comunidade indígena. Ainda que tais fronteiras estejam em negociação, em processos ambivalentes de hibridização (Bhabha, 1998), há elementos que não se deseja abrir mão.

E é uma coisa que a gente não abre mão, não abrimos mão em relação a isso porque, assim, eh... como é que eu posso explicar para você? A questão da cultura da gente é muito forte e assim a gente não consegue, a gente não pode abrir mão disso porque aí se tem cultura a gente não vai ter identidade. Se tem uma coisa a gente vai levar outra e a gente vai acabar sendo “índio não índio” entendeu? Vai se tornar isso, então, a gente não abre mão dentro da escola. A gente não abre mão disso, desses eixos, dessas coisas.

O trabalho que tem sido realizado também expõe os avanços alcançados com o apoio da comunidade escolar, incluindo recursos financeiros dos próprios docentes. Em suma, “o povo da mercadoria” e das “peles de papel”, conforme Kopenawa e Bruce (2015), não cansa, sustentando o capitalismo e a destruição; mas também não cansam aqueles que geram o reflorestamento de imaginários, mobilizando sentidos outros em nome da preservação de

saberes e da vida. Um dos desafios que menciona Silva (2017) para uma educação indígena decolonial é lidar com tais enrijecimentos, sedimentados no social.

Ao redor da fogueira digital

O objetivo deste texto é apresentar um contexto de luta e de ressignificação da cultura indígena, articulada pelos povos na região Nordeste, Kariri-Xocó e Pankararu Opará. Tais populações têm sofrido com séculos de colonização que se materializam em discriminações e empecilhos para que existam enquanto tal. Tornamos explícito, portanto, que a luta jamais parou. Ela continua diariamente e se reforça para que aconteçam seus desejos, adiando o fim do mundo.

Para tal, a questão da hibridização é um elemento muito importante. Não apenas lembramos nesta escrita que a cultura não é pura, mas que está em constante movimento de negociação. A cultura, conforme procuramos apresentar, produz sentido e atribui vida a corpos interligados a tais práticas que são ancestrais para os povos que a alimentam e que são alimentadas por ela.

Inevitavelmente, a proposta acaba por denunciar a relação que permanece difícil com o poder público, seja pelo descaso, seja pela ignorância, seja pela falta de apoio às ações e demandas indígenas. No que se entende por “Nordeste”, que não é apenas uma região geográfica, mas prática discursiva e relacional, os povos indígenas permanecem discriminados; tratados de maneira desigual e não têm a cultura valorizada. São os próprios sujeitos, então, que lutam pela cultura e pela língua.

Para além da denúncia, as questões são tratadas através da negociação de sentidos, intensificados mais recentemente, incluindo a normatividade curricular. A diferença que nos atravessa segue o processo de produção intersubjetiva na qual cultura e vida estão imbricadas e indissociáveis nas relações híbridas e complexas.

Em suma, buscamos fazer este trabalho em conjunto, envolvendo os que assinam este texto. Com isso, esperamos que as ações tomem novos cursos, ampliando sentidos, nos quais a circulação de experiências receba mais atenção, assim como o entendimento de que a ancestralidade não está dada, mas é objeto de luta para a sua sobrevivência. Isso porque o colonialismo se mantém enquanto prática social, gerado pela forma de controle de pensamento

que bloqueia e produz mesmidade, como se fosse “a verdade”. Felizmente, ainda há vida nos processos de identificação.

Referências

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**: a modernidade sem peias. Trad. Telma Costa. Lisboa: Editorial Teorema, 2004.

AZEVEDO-LOPES, Ronnielle. Temejakrekatejê: do gnosticídeo à afirmação dos saberes Akrátikatejê no vale do Tocantins-Araguaia. In: BORGES-ROSÁRIO, Fábio; MORAES, Marcelo José Derzi; HADDOCK-LOBO, Rafael (Org.). **Encruzilhadas filosóficas**. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2020. p. 187-206.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. História das populações indígenas na escola: memórias e esquecimentos. In: PEREIRA, Amílcar Araújo; MONTEIRO, Ana Maria (Org.). **Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013. p. 101-32.

BURBULES, Nicholas C. Uma gramática da diferença: algumas formas de repensar a diferença e a diversidade como tópicos educacionais. In: GARCIA, R L.; MOREIRA, A. F. B. (Orgs). **Currículo na contemporaneidade**: incertezas e desafios. São Paulo: Cortez, 2003.

CUNHA, Manuela Carneiro da. “Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. (org.). **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Ubu Editora, 2017, p. 304-369.

FERNANDES, Ulysses (Serviço Social do Comércio) (org.). **Fulkaxó**: ser e viver Kariri-Xocó. São Paulo: Edições SESC, SP, 2013.

IVENICKI, Ana. Perspectivas multiculturais para o currículo de formação docente antirracista. **Revista da ABPN**, Rio de Janeiro, v. 12, n.32, p 30-45, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KOPENAWA, Davi; BRUCE, Albert. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

RIBEIRO, William de Goes; CRUDZÁ Idiane; SILVA, Laiza Railane Tavares da. INDÍGENAS NORDESTINOS: sobre desafios e reexistências curriculares/culturais do povo Kariri-Xocó e Pankararu Opará por meio da educação. **Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô**. Palmeira dos Índios, v. 3, n.2, p. 82-103. 2024.

SILVA, Paulo de Tássio Borges da. A temática indígena na sala de aula: possibilidades e desafios na perspectiva de uma didática decolonial. In: SOUZA, Cristiane Gonçalves de (org.). **Relações étnico-raciais e currículo: temas e abordagens**. Curitiba: CRV, 2017, p.95-104.

RIBEIRO, William de Goes. Xe Rohenoi Eju Orendive: rimas, rappers e hibridização cultural de povos indígenas no Brasil. **#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 9, n. 2, p. 1-20, 2020. DOI: <https://doi.org/10.35819/tear.v9.n2.a4515>.

RIBEIRO, William de Goes. Sobre e com a indigenização do Hip Hop no Brasil. **Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens da Universidade do Estado da Bahia – UNEB**. Salvador, v.2, n.4, p. 1- 861, jul. /dez., 2021.

RIBEIRO, William de Goes. "Reflorestando Imaginários": Experiências Educacionais Promovidas por uma Curadoria Indígena. **Revista Docência e Cibercultura**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 124–148, 2023. DOI: 10.12957/redoc.2023.73016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/73016>. Acesso em: 15 jan. 2025.

RODRIGUES, Thamara de Oliveira. Sonho como exercício da diferença: o protagonismo ameríndio no questionamento do fim. In: BORGES-ROSÁRIO, Fábio; MORAES, Marcelo José Derzi e HADDOCK-LOBO, Rafael (orgs.). **Encruzilhadas filosóficas**. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2020, p. 207-220.

TOMÁZ, Alzeni de Freitas; MARQUES, Juracy (orgs.). **Cartografia social do Povo Indígena Pankararu Opará, Jatobá – Pernambuco**. Paulo Afonso, BA: SABEH, 2022.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

RIBEIRO, William de Goes; CRUDZÁ Idiane; SILVA, Laiza Railane Tavares da. INDÍGENAS NORDESTINOS: sobre desafios e reexistências curriculares/culturais do povo Kariri-Xocó e Pankararu Opará por meio da educação. **Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô**. Palmeira dos Índios, v. 3, n.2, p. 82-103. 2024.